In: ISMÉRIO, Clarisse; PREVEDELLO, Carine (Orgs.). Nem tudo são rosas [recurso eletrônico]: refletindo os preconceitos, as lutas e conquistas femininas. São Paulo: Vecher, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.47585/nemtudosasorosas>>.

Memórias de educadoras pretas: evidências do racismo estrutural nas instituições de ensino de Bagé e Uruguaiana/RS

*Mariana Abreu*¹

doi.org/10.47585/nemtudosasorosas9

¹ Pedagoga, graduada pelo Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp), <http://lattes.cnpq.br/3498365900606731>, e-mail: abreumariana17@gmail.com

Introdução

O racismo, é uma realidade enraizada na sociedade que se faz muito presente no âmbito escolar por se tratar de um local onde há constante interação social entre pessoas que possuem origem, crenças e opiniões diversas, o que pode gerar algum tipo de divergência. Grande parte das escolas não pontua temas relacionados à diversidade racial e preconceito nas atividades curriculares, o que faz com que o conhecimento acerca desses assuntos não alcance a comunidade escolar, o que dificulta o processo de identificação e resolução de problemas que se originam a partir de atos racistas, multiplicando o número de pessoas que sofrem discriminação e sofrem caladas por não terem o apoio necessário ou por não saberem quais providências deveria tomar ao se deparar com uma situação racista.

Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo refletir as causas e as consequências da presença do racismo nas escolas analisando relatos de profissionais pretas da educação sobre suas vivências na docência e no período de formação escolar. A respeito da realidade do contexto escolar atual ao que diz respeito a disseminação de conhecimento sobre diversidade racial, preconceito e discriminação, bem como a situação em que se dão as relações interpessoais entre os membros da comunidade escolar em uma sociedade onde o racismo se faz tão presente, analisando a visão acerca de cada um levando em conta a cor da pele como parâmetro e as posições que pessoas pretas e não pretas ocupam neste ambiente.

Para tanto, foram entrevistadas cinco professoras pretas atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental das cidades de Bagé e Uruguaiana, cujas memórias evidenciaram a presença marcante do racismo em suas trajetórias profissionais.

Racismo: da escravidão aos dias atuais

A escravidão surge em meados dos séculos XVI e XIX, provocando a perda dos direitos humanos

de milhares de pessoas pretas, de acordo com Maria Leite (2017) presume-se que aproximadamente 40% dos africanos foram forçadamente trazidos para o Brasil, onde seriam tratados como mercadoria para possíveis negociações e posteriormente serem submetidos a trabalho braçal desumano e tortura.

O Brasil, em razão de sua dimensão e da ausência de preocupação coma reprodução biológica dos negros, foi o maior importador de escravos das Américas. Estudos recentes estimam em quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre os séculos XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3.650.000. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 9).

Haviam diversas áreas onde se utilizavam da mão-de-obra dos escravos trazidos para o Brasil, a principal delas era a agricultura. Produtores de cana-de-açúcar, algodão, fumo e café encarregaram os escravos das atividades braçais da lavoura. Além da agricultura, os negros tidos como mais sociáveis e civilizados atuavam também em serviços domésticos nas casas grandes. (MARQUESE, 2006)

As condições em que viviam os escravos durante esse período eram deploráveis e de extrema desumanidade. Os trabalhadores de todas as áreas eram submetidos a um tratamento violento sob condições que ofereciam riscos gravíssimos à saúde, além de sofrerem com as torturas como forma de punição por desobediência ou trabalho mal executado.

Nas minas e lavouras de exportação, nestas últimas na época de safra, era comum o escravo trabalhar até 14 ou 16 horas, alimentando-se e vestindo-se mal e se expondo ao clima. Em geral amontoavam-se em senzalas impróprias para a habitação e careciam de cuidados médicos, sendo frequentemente vítimas de doenças que se tomavam endêmicas, como a tuberculose, disenteria, tifo, sífilis, verminose, malária. A média de vida útil, por isso, variava de sete a dez anos. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 10).

O trabalho executado pelos escravos movimentou diversos setores da economia do Brasil como agricultura, culinária e arquitetura, bem como impulsionou o crescimento de aspectos culturais como

religião, língua e música. No entanto, os escravos tinham como obrigatoriedade, além de executar suas funções e manter a obediência, se apropriar do idioma, da moral e da religião de seus senhores, primando pela lealdade e pelos valores ensinados logo após a sua chegada no país.

É indiscutível o fato de que esses trabalhadores escravizados foram submetidos a situações de extrema crueldade e brutalidade, onde suas vidas foram postas em risco sem o mínimo do necessário para sobrevivência de forma digna, as punições não eram constantes, no entanto, mantinham sempre um padrão de intensidade bastante elevado em todos os setores onde se utilizava seus serviços, porém, mais recorrentes com os trabalhadores atuantes nas lavouras, sendo “estes castigos — imobilização no tronco, açoites, marcas a ferro quente, esmagamento de dedos, corte de orelhas — costumam ser mais violentos na lavoura, sobretudo nos períodos em que era indispensável o trabalho contínuo, e diante de faltas graves”. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p. 11).

Apesar de expostos à extrema desumanidade e tortura, onde trabalhavam de forma violenta sendo explorados intensamente, os pretos mantinham a esperança de recuperar a liberdade e sobreviver a condição que lhes cabia no momento. Estratégias de fuga e rebelião eram traçadas pelos escravos como forma de resistência. A formação de quilombos e planos para escapar foram algumas das formas de resistência dos escravos do país, bem como a sabotagem nas produções agrícolas de seus senhores.

Tão intensa quanto a própria escravidão foram os tipos de resistência apresentados pelos sujeitos escravizados ao sistema que lhes fora imposto. A resistência revelou- se desde a recusa vã em deixar suas terras, famílias, culturas e histórias na África, passando pela rebelião durante a insalubre travessia do Atlântico, até as formas mais radicais, como assassinato de seus escravizadores nos locais de trabalho forçado. (LEITE, 2017, p. 65).

Após a libertação dos escravos, em decorrência da abolição da escravatura pautada em fins meramente econômicos, os pretos foram postos em uma situação de total marginalidade dentro da sociedade, pois mesmo livres da escravidão, não possuíam direitos que lhes permitissem seguir suas vidas de forma digna. Não havia oportunidade para a população negra no mercado de trabalho, pois,

por serem recentemente libertados, a imagem de seres inferiores e desumanizados que possuíam, ainda prevalecia na concepção na supremacia branca na época.

Uma boa parte da elite brasileira não queria que os negros assumissem os novos postos de trabalho que estavam surgindo no Brasil, à preocupação da elite era embranquecer o país com imigrantes vindos da Europa. Essa política de segregação racial fez com os negros vivessem as margens da sociedade. (NASCIMENTO *et al*, 2010, p. 310).

Por mais que o período escravocrata tenha chegado ao seu fim, o povo preto permaneceu enfrentando dificuldades, que por não terem tido suas necessidades básicas atendidas na época, consequentemente permeou diversos problemas de desigualdade racial e de classe geradas a partir do racismo fruto da escravidão.

Mesmo com o fim da escravidão ainda não conseguimos de fato a nossa liberdade definitiva, pois temos resquícios daquele período, à discriminação é uma delas. A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais. (NASCIMENTO *et al*, 2010, p. 312).

As marcas do racismo instituído no período escravista perpassam os anos e se fazem presentes até os dias atuais, agindo através da desigualdade racial, de classe e é instaurado nas relações de forma que muitas vezes passa despercebido através do racismo estrutural que está enraizado na mente da população brasileira.

A presença do racismo dentro das instituições de ensino

O racismo é uma ação, um comportamento, um pensamento que se resulta da aversão, do ódio, da repulsa em relação a determinada raça, abordando mais especificamente a raça preta. As manifestações

racistas resultam de uma ideologia com pensamentos que se referem às raças como superiores ou inferiores entre elas a partir de uma ideia de imposição de uma única crença dita como verdadeira e inquestionável. E dentro das instituições ensino o racismo geralmente se manifesta de duas formas, a mais habitualmente presente é o racismo de forma estrutural que frequentemente passa despercebido por não ser uma manifestação explícita de preconceito e discriminação.

Como é citado na obra Educação antirracista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03 “A forma institucional do racismo implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado com seu apoio indireto”. Elas manifestam-se sob a forma de isolamento dos pretos em determinados bairros, escolas, empregos. Essas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens pretos com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do preto no Brasil como é apresentado por Nilma Lino Gomes:

[...] as crianças negras convivem na escola com uma visão distorcida da história dessa raça, seja através da omissão dos fatos ou de uma visão distorcida. De um modo geral, a história, ao trabalhar com a questão racial, apresenta o negro somente como escravo, dando-nos a impressão de que os africanos foram trazidos para o Brasil já viviam nessa condição indigna desde que foram capturados pelos mercadores de escravos [...]. (GOMES, 1995, p.59).

Aspectos do cotidiano escolar como currículo desprovido de conteúdos que abordam questões raciais e culturais de forma ampla, material didático representado por personagens majoritariamente brancos onde os pretos são retratados em sua grande maioria apenas por escravos, são referência ajustes e limitadoras no processo de aprendizagem de alunos pretos.

Eliane Cavalleiro (2005) destaca que muitos dos profissionais de educação dizem não perceber as discriminações raciais e conflitos entre os alunos e professores dentro do cotidiano escolar. Esses profissionais dizem não compreender em quais momentos que ocorrem os conflitos e práticas de discriminação entre os membros da comunidade escolar, fazendo com que a realização de uma ação

antidiscriminatória seja impedida. Observa-se que, mesmo não sendo reconhecidos pelos professores e trabalhadores da educação, atos discriminatórios e preconceituosos são indicados como um acontecimento sistemático no dia-a-dia da escola, uma vez que a percepção negativa sobre a diferença e ações originadas a partir desse pensamento se fazem presente nas relações entre as crianças, se reproduzem com facilidade entre elas, indicando que as características sociais como cor da pele, textura capilar servem de arma pelo ofender, excluir e atacar crianças pretas. (CAVALLEIRO, 2005)

No entanto, se houvesse um pouco mais de atenção e preocupação com as relações estabelecidas na escola, poderia perceber as situações onde existe um tratamento diferenciado e hierarquizado entre os alunos de diferentes raças. Eliane destaca que essa diferenciação de tratamento concorre para a difusão, a reprodução e a permanência do racismo no interior das escolas e na nossa sociedade como um todo.

Reconhecer que muitos desses profissionais não percebe essas ocasiões como demonstrações de discriminação por se tratar de um racismo institucional que se manifesta de uma maneira bastante discreta, só enfatiza a defasagem do estudo e aprofundamento do racismo no processo de formação dos educadores e por vezes o descaso com que tratam as situações que presenciam.

Portanto, se este profissional não estiver preparado com as devidas informações a respeito de como identificar e combater o racismo das formas mais singelas em que aparece no dia-a-dia, sem tomar as devidas providências ao identificar uma ocasião onde o racismo esteja presente, a discriminação e o preconceito vão continuar se perpetuando dentro das escolas.

Marcas do Racismo Estrutural

Uma nova concepção de racismo, visto muitas vezes como inexistente por tratar-se de uma forma mais implícita de manifestar o preconceito racial, é denominado como racismo estrutural. Esse conceito nos mostra como racismo perpassa as barreiras individuais de discriminação, frisando a forma como ele se apresenta coletivamente nas relações sociais. A discriminação racial intrínseca nas interações sociais

atuais é fruto das consequências da escravidão, muitas concepções e práticas permanecem enraizadas na população e são reproduzidas corriqueiramente, uma vez que o “racismo estrutural mostra como a discriminação age a partir da superioridade de um determinado grupo em relação a outro e como o poder pode ser uma grande ferramenta de inferiorização da população negra”, portanto trata-se de um “estudo como racismo moderno, onde o preconceito é exposto de maneira intrínseca e naturalizada por meio de pequenas ações corriqueiras do cotidiano”. (LIMA, 2020, p. 126)

As sequelas do regime escravagista são ainda bastante perceptíveis em nossa realidade: a pobreza, a violência e a discriminação que afetam os negros são um reflexo direto de um país que institucionalizou o preconceito contra esse grupo, deixando-o à margem da sociedade.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial, irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como normais em toda a sociedade [...] relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras dentre as quais o racismo na forma de violência explícita ou de micro agressões piadas, silenciamento, isolamento [...]. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

A sociedade atual está repleta de ambientes sociais onde não há uma reflexão ou ações que promovam a conscientização e o combate ao racismo estrutural, fazendo com que o racismo permeie as estruturas se reproduzindo facilmente por ser visto como algo banal do cotidiano. É de suma importância que esses ambientes reconheçam o racismo como um problema presente e promovam ações que modifiquem essa realidade, pois “em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como ‘normais’ em toda sociedade”. (ALMEIDA, 2019, p. 32)

Os ambientes sociais que não possuem ações que promovam a reflexão a respeito do racismo estrutural, permanecem reproduzindo práticas que não são lidas como discriminação por ser algo recorrente e que não tem qualquer espécie punição para tais comportamentos.

O racismo é parte estrutural de uma racionalidade instituída para ser a norma de compreensão e manutenção das relações sociais. Não se trata, portanto, de uma anomalia no interior de um sistema, e sim de um estruturante do modo de funcionamento das sociedades ocidentais contemporâneas, o que implica pensá-lo como o fundamento de tais sociedades, o que abrange as dimensões da economia, da política e da cultura. (SILVA, 2020, p. 164).

Logo, o racismo estrutural é uma consequência da reprodução de preconceitos trazidos desde o período escravagista que perpassam o tempo até a atualidade, onde a população negra sofre com o racismo de forma indireta ou apenas disfarçada como opinião, sofrendo com o racismo de forma sistemática, sem que haja uma responsabilização dos agressores, bem como ações que solucionem este problema.

Relatos e memórias das educadoras pretas entrevistadas

Durante as entrevistas realizadas com cinco educadoras pretas, foi possível perceber através de seus dolorosos relatos a presença das marcas do racismo em sua trajetória profissional, enraizadas e ainda presentes em seu cotidiano atual. No decorrer da entrevista foi perguntado se no período de atuação na sala de aula, em algum momento foi presenciado algum caso de racismo.

A entrevistada B relata que presenciou diversos casos de racismo no decorrer da sua atuação na área da educação e, além de casos entre alunos, presenciou situações onde os responsáveis dos alunos eram os autores das agressões e tinham como alvo os alunos.

Em 1997, quando eu era do Passo das Pedras, as escolas não eram cercadas, então as mães tinham livre acesso à escola, de entrar, de brigar pelos filhos, de invadir sala de aula, quando vê tem mãe em sala de aula, ficavam muito em fila com as crianças, às vezes tinha situação de uma mãe brigar com outra e já irem se ofendendo, era “negra suja, negra cabelo disso, negra cabelo daquilo, fedorenta” e a mesma coisa que faziam mãe com mãe, era tão sem noção a coisa que às vezes elas agrediam as crianças que eram pequenas, não eram adolescentes porque os adolescentes estudavam no turno da manhã, eu trabalhava no turno da tarde, eram crianças de no máximo 9 anos. (ENTREVISTADA B, 23 de outubro de 2020).

Foi apontado pela entrevistada C a importância da intervenção ao se deparar com situações racistas, dando destaque ao impacto que esse tipo de agressão pode causar no emocional dos atingidos, bem como a relevância da abordagem de temáticas que englobam preconceito de diversas maneiras, especificamente o que está ligado a raça dentro do ambiente escolar.

[...] é preciso falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Diferentemente do que alguns pensam, quando discutimos publicamente o racismo não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico/raciais. Na realidade é o silenciamento que mais reforça a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial. (GOMES, 2005, p. 51 e 52).

Também foi citado pela entrevistada C de que forma deve-se desenvolver um diálogo com os agressores e os agredidos, para que dessa maneira haja um entendimento da situação e uma possível solução do conflito gerado.

[...] muitas vezes aquele que sofre o racismo não toma aquilo como uma violência contra si, contra a sua humanidade, eles veem muito com aquela desculpa de “a gente estava só brincando, é só uma brincadeira” “negrinho, macaquinho” entre outros adjetivos mais que a gente conhece muito bem. É fazer qualquer uma das partes entender que aquela brincadeira é racista e que aquela pessoa que diz que está aceitando porque acha que estão brincando com ela, devemos fazer ele entender que aquilo não é normal, não é natural e que não estão brincando com ela, que ela não deve aceitar, pois esse tipo de brincadeira menospreza a nossa capacidade, nossa intelectualidade, nos menospreza quanto seres humanos, enquanto cidadãos, então é toda uma conversa, dependendo da situação, que é necessária de ser feita com ambos, tanto pra quem é racista e comete esse tipo de ato, quanto para o que sofre, porque aquele que sofre precisa entender que aquilo é racismo, que causa um sofrimento e ele tem que reagir. (ENTREVISTADA C, 23 de outubro de 2020).

Posteriormente foi questionado o que foi feito para resolver ou amenizar a situação em que se encontrava, se houve alguma atitude por parte dos profissionais para esclarecer o que estava acontecendo. A entrevistada C ressalta em seu relato a respeito dos momentos em que presenciou o racismo na sua atuação como docente, que

a raça e a cor da pele são vistas como alvo instantâneo de agressão em desentendimentos, além disso, ela cita um momento em seu período de docência em que lhe ocorreu uma situação onde o fato de ser preta foi alvo de xingamentos: “Quando alguém se desentendem, quando é uma pessoa negra, o primeiro xingamento que vem é em relação a raça. Isso aconteceu comigo uma vez, um aluno ficou bravo comigo em relação a uma atitude que tomei e ele me chamou de ‘negra chata’ para me ofender”. (ENTREVISTADA C, 23 de outubro de 2020)

Após sofrer as ofensas desferidas pelo aluno, a entrevistada C tomou atitudes juntamente a coordenação pedagógica da escola, para que em conjunto houvesse um diálogo de esclarecimento da situação, onde mostrariam ao aluno o porquê de suas atitudes serem erradas e, além disso, serem constituídas como crime perante a constituição brasileira.

O primeiro passo, embora a gente queira acima de tudo com os alunos, educar para que eles não sejam preconceituosos, pra que não tenham atitudes desse tipo, principalmente com adolescentes, trabalhei muitos anos com adolescentes, vinte anos. Devemos deixar bem claro para os nossos alunos que o seu comportamento racista é passível de uma pena criminal e junto com isso temos a ação educativa, fazendo com que entendam de onde provém isso. (ENTREVISTADA C, 23 de outubro de 2020).

Por vezes o racismo também se manifesta de maneira explícita com agressões diretas caracterizados geralmente por apelidos, xingamentos e comentários irônicos a respeito de determinada pessoa ou grupo de pessoas pretas. Apelidos de cunho racista como ‘macaco’, ‘carvãozinho’, ‘cabelo de bombril’, ‘preto sujo’, referências como ‘a coisa tá preta’ e ‘humor negro’ são ações onde os estudantes negros são tratados de forma desumana, iguais a animais irracionais, coisas, sujeitos incapazes de interagir socialmente.

Por mais que esse tipo de manifestação seja descaradamente racista, muitos profissionais da educação não tomam providências a respeito desse tipo de agressão.

[...] a manutenção, a indução ou a propagação de racismo, preconceitos e discriminação raciais no espaço escolar devem ser questionados e se auto- questionar quanto ao exercício de sua profissão de educador. Buscar soluções para esses problemas não é um trabalho em favor de alunos negros, representa um trabalho em favor de todos [...]. (CAVALLERO, 2005, p.13).

A ausência de providências diante de casos de racismo, reforça o pensamento de superioridade dos alunos brancos em relação aos alunos pretos seja cada vez mais reforçada, tornando-se um estímulo para que esse tipo de atitude se perpetue dentro do âmbito escolar, como é relatado pela entrevistada B.

[...] às vezes tinha situação de uma mãe brigar com outra e já irem se ofendendo, era “negra suja, negra cabelo disso, negra cabelo daquilo, fedorenta” e a mesma coisa que faziam mãe com mãe, era tão sem noção a coisa que às vezes elas agrediam as crianças que eram pequenas, não eram adolescentes porque os adolescentes estudavam no turno da manhã, eu trabalhava no turno da tarde, eram crianças de no máximo 9 anos. (ENTREVISTADA B, 23 de outubro).

Em seu relato ela também cita um acontecimento relacionado a uma responsável de aluno e uma de suas alunas, onde a criança foi agredida verbalmente de forma racista pela mãe de outro aluno: Eu presenciei uma mãe minha tirando satisfação de uma aluna pequena minha, porque tinham brigado na vizinhança e ela já chegou falando “o que tu quer, negrinha suja, o que tu pensa que tu é? A mãe não te ensina, eu vou te ensinar”. Era desse nível as coisas [...]” (ENTREVISTADA B, 23 de Outubro)

Por vezes, o preconceito não se manifesta apenas entre os alunos e educadores, existe toda uma comunidade escolar envolvida, a partir disso, o racismo pode surgir de outros membros, como é relatado pela entrevistada D, que em sua gestão em uma escola, deparou-se com uma funcionária que agia de forma discriminatória com os alunos.

[...] eu tive casos depois que eu assumi a direção da escola, em que eu comecei a atuar diretamente, a funcionária que fazia a merenda era a pessoa mais racista e preconceituosa que existia, ela não fazia nada pra mim porque eu era diretora, mas era cruel o jeito que ela tratava os alunos, ela fazia a fila e pulava o aluno negro para entregar no prato do aluno branco, os negros tinham que ir lá se servir, para os outros ela ia levar, até que ela pediu para sair da escola porque ela não ia aguentar trabalhar com negros, tive que enfrentar ela de frente. (ENTREVISTADA D, 23 de outubro de 2020).

A entrevistada E, além de abordar em sua fala o racismo entre alunos, conta sobre um caso de racismo entre funcionários da escola, onde mostra também as consequências judiciais de se cometer atos racistas.

Quando eu trabalhava e teve um menino que chamou a menina de “negra suja”, nós fomos conversar, a escola fazia um trabalho, fizeram aquela conversa toda, eu também presenciei, inclusive entrei pra dentro pra não ser testemunha, uma colega nossa chamou a supervisora de negra “essa negra suja pega no meu pé”, a supervisora deu parte e ela teve que pagar uma indenização porque tinha testemunha, ela teve que pagar uma multa e quase perdeu a vaga. (ENTREVISTADA E, 22 de outubro de 2020).

Houve um questionamento a respeito dos sentimentos das professoras durante a sua atuação em relação ao racismo presente nas escolas, se em algum momento ocorreu de surgir um sentimento de vulnerabilidade perante alguma situação de discriminação direcionada a alunos ou colegas. A entrevistada B conta um episódio que julga ser o que ela se sentiu mais vulnerável durante sua trajetória como educadora, durante o acontecimento, uma professora da escola onde a entrevistada B lecionava foi humilhada pela mãe de um dos alunos da instituição.

[...] eu lembro que com uma colega aconteceu e acho que foi quando eu mais me senti vulnerável, foi quando uma mãe entrou na sala dela e xingou ela na frente de todos os alunos, chamando ela de negra “negra suja, negra isso, negra aquilo” “com a minha filha tu não faz”. Eu não vi porque não era perto da minha sala de aula, quando eu vi aquela zoeira toda na escola, gente correndo, quando eu senti o barulho, abri a porta e fiquei sabendo o que tinha acontecido, que uma mãe tinha ofendido e já tinha ido embora, a professora, com a equipe diretiva que já estava na sala dela, estava desolada, chorando sentada na sala em frente a todos os alunos. Isso é horrível, na hora a gente chorou junto, tu te coloca no lugar da professora. (ENTREVISTADA B, 23 de outubro).

Ela prossegue relatando com pesar a situação em que se encontrava a professora após ter sofrido o ataque e as consequências que esse acontecimento trouxe para a vida da professora e, de acordo com a entrevistada, também para a vida dos alunos que testemunharam a situação.

Eu não vi porque não era perto da minha sala de aula, quando eu vi aquela zoeira toda na escola, gente correndo, quando eu senti o barulho, abri a porta e fiquei sabendo o que tinha acontecido, que uma mãe tinha ofendido e já tinha ido embora, a professora, com a equipe diretiva que já estava na sala dela, estava desolada, chorando sentada na sala em frente a todos os alunos. Isso é horrível, na hora a gente chorou junto, tu te coloca no lugar da professora. Só de escutar ou ver eu já faço a intervenção, acho que escutar uma mãe chegar a esse ponto de entrar em uma sala de aula e agredir uma professora verbalmente, ela não bateu, mas verbalmente... foi horrível, o que os alunos escutaram foi muito triste. A professora entrou em depressão, ficou um tempo afastada da escola, ela ficou muito chateada, depois acabou voltando, mas eu acho que é uma coisa que ela jamais vai esquecer, vai trazer pra vida dela, acho que ela já está até aposentada, mas acho que até os próprios alunos jamais vão esquecer a agressão ouvida. (ENTREVISTADA B, 23 de outubro de 2020).

É válido destacar que durante as entrevistas, foi possível observar através dos presentes relatos, que a mulher negra quanto educadora, recebe um tratamento de total desvalorização e desrespeito no âmbito escolar. O pensamento e o comportamento agressivo da comunidade escolar em relação às educadoras pretas, ilustra nitidamente como o racismo estrutural se apresenta nos ambientes sociais atualmente. Silvio Luiz de Almeida ressalta em sua obra que a estrutura social é constituída por diversos conflitos, como por exemplo, o de raça. Não foi perguntado, mas após essas perguntas, em virtude de se identificar nitidamente o racismo estrutural, surgiu na fala de todas, o destaque ao estereótipo lançado contra as mulheres pretas.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratam de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de micro agressões – piadas, silenciamento, isolamento [...] sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que, se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Em vários momentos durante as entrevistas pode-se notar situações originadas a partir do racismo estrutural. Foi relatado pela entrevistada B, a maneira como uma professora preta, a qual ela foi aluna em uma escola privada, era tratada com enorme desrespeito pelos alunos, tendo sua autoridade como docente totalmente negada e sofrendo ataques que reforçam os estereótipos comuns de serem reproduzidos pelo racismo estrutural.

Os alunos diziam “eu faço o que eu quero na escola” e isso já me incomodava [...] chamar uma professora que a gente tinha de negra, ela não era chamada pelo nome, era chamada de negra “aquela negra marcou trabalho, pensa que é assim? eu não vou fazer” eu vi muita coisa e acredito que isso ainda deve existir, infelizmente ainda deve existir, embora seja crime, mas a gente vê toda hora que isso ainda acontece. (ENTREVISTADA B, 23 de outubro de 2020).

A profissão de professora antigamente era tida como um cargo elitizado, por isso, atualmente permanece sendo uma posição mais valorizada quando ocupada por mulheres brancas. Durante o relato da entrevistada D, ela conta dois episódios onde colegas de trabalho foram racistas, a colega professora reproduziu em sua fala um estereótipo típico do racismo estrutural, onde a mulher preta é vista apenas como um corpo para servir e, o colega diretor foi mais explicitamente racista, porém, reproduzindo em sua fala o racismo presente nas estruturas sociais que considera incabível a ocupação de cargos de poder por personalidades pretas.

fui convidada pelos colegas a me candidatar a direção da escola, as alunas em massa queriam, foi aí que eu senti pela primeira vez que eu vivenciei algo tão explícito de racismo comigo, quando uma colega, que era de uma classe muito alta na cidade, chega e me diz o seguinte, que não tinha nada contra o meu trabalho, mas que na cabeça dela negro ainda era atrás do fogão. O ex-diretor que era meu parceiro, a gente fez vários projetos juntos, fizemos oficinas para resgatar essa comunidade, tudo deu certo, funcionou naquela época [...] Ele (o ex-diretor) chegou pra mim e disse “é verdade o que me disseram que tu vai se candidatar a diretora?” e eu assim como estou conversando contigo disse pra ele “pois é, as gurias me convidaram, sabe que estou até pensando” ele bateu com as duas mãos em cima da mesa e disse “eu prefiro passar um trator

e desmanchar até o último tijolo dessa escola do que entregar a direção pra uma negra” tu imagina como eu fiquei. (ENTREVISTADA D, 23 de outubro de 2020).

A ausência e a não aceitação de pessoas pretas em cargos de poder, é mais uma ferramenta de reprodução das estruturas racistas presentes na nossa sociedade. Almeida reflete a respeito da falta uma efetiva representatividade de negros em cargos de poder, não os tratando apenas como apenas um número a preencher uma lacuna.

[...]a supremacia branca no controle institucional é realmente um problema, na medida em que a ausência de pessoas não brancas em espaços de poder e prestígio é um sintoma de uma sociedade desigual e, particularmente, racista. Portanto, é fundamental para a luta antirracista que pessoas negras e outras minorias estejam representadas nos espaços de poder, seja por motivos econômicos e políticos, seja por motivos éticos. (ALMEIDA, 2019, p. 32 e 33).

Os relatos citados apresentam situações onde o racismo estrutural se apresenta nas mais diversas formas, reforçando estereótipos e disseminando conceitos discriminatórios na sociedade, em específico na comunidade escolar.

Considerações finais

O racismo estrutural e a origem das estruturas racistas foram contextualizados e, foi verificado através da literatura disponível, de que forma o racismo se manifesta nos ambientes sociais, quais fatores contribuem para a existência da discriminação racial no âmbito escolar, dando destaque a inferiorização das educadoras pretas, abordando as consequências trazidas pelo racismo estrutural na vida dos membros da comunidade escolar.

Na análise das entrevistas com educadoras pretas, podemos entender claramente de que

forma o racismo estrutural se alastra nos ambientes sociais e como atua nas relações interpessoais dos membros da comunidade escolar. Todas as entrevistadas trouxeram relatos de situações onde alunos foram discriminados, tanto de forma implícita, como explícita, desde xingamentos de cunho racista, até exclusão e rejeição por parte de colegas e professores.

Diversos casos de racismo originalmente vindos dos professores, direcionados aos alunos, foram relatados pelas educadoras entrevistadas, mostrando através de tais comportamentos, a forma como o aluno preto é lido de maneira inferior.

Foi comprovado nas memórias trazidas pelas educadoras pretas entrevistadas, o tratamento racista que recebem nos ambientes onde atuam. Relatos de agressões desferidas por grupos de alunos, comentários de cunho racista por parte de colegas de trabalho e agressões por parte de pais de alunos foram coincidentemente recorrentes na fala das entrevistas, mostrando como as estruturas racistas reproduzem um comportamento padronizado quanto a discriminação racial.

A falta de conhecimento e diálogo a respeito da temática racial foi muito enfatizada na fala das entrevistadas, que ressaltaram a importância da existência do debate sobre a diversidade racial e a criação de atividades, projetos e ações que movimentam a comunidade escolar, possibilitando o entendimento das temáticas raciais através dessas propostas.

As memórias das educadoras pretas reafirmam, que mesmo nos dias atuais, elas permanecem sofrendo com as consequências do período da escravidão, que perpassaram os anos, mostrando o racismo estrutural insistentemente presente nas relações no âmbito escolar, atingindo não apenas educadoras, como também, alunos e funcionários pretos membros das instituições de ensino. Por isso, é de suma importância, como foi frisado por todas as entrevistadas, que haja um trabalho árduo de toda comunidade escolar, para que através de ações que promovam a conscientização a respeito do racismo, o combate à discriminação e a valorização do povo preto, o racismo estrutural que permanece impregnado no convívio social, possa se dissipar gradualmente e, com isso, promovendo a igualdade, a equidade e a valorização do povo preto.

Referências

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaia, 2019. Disponível em: <http://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf>. Acesso: 11 nov. 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma história do negro no Brasil**. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf>. Acesso: 20 ago. 2020

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Em favor da igualdade racial, São Paulo: Contexto, 2018.

GOMES, Nilma. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira**: desafios, políticas e práticas. 2011. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/303979143.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2020.

LEITE, Maria. Tráfico Atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ceará, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2017.137196>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LIMA, Márcia. **Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho**. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MARQUESE, Rafael. **A dinâmica da escravidão no Brasil: Resistência, tráfico negreiro e alforria, séculos XVII a XIX**. São Paulo: CEBRAP, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

NASCIMENTO, André. **O fim da escravidão e as suas consequências**, Ceará: IV Colóquio de História UNICAP, 2010. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.309.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SILVA, Claudilene. **Professoras negras: construindo identidades e práticas do racismo no espaço escolar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4887>>. Acesso em: 10 nov. 2020.